

# A cor e a constituição discursivo-cultural de identidades para a velhice

Emmanuele Monteiro

Resumo: Nesse artigo, objetivamos discutir a questão da cor naquilo que ela tem de entrecruzamento e de sustentação nas imagens do “corpo velho”, interdito ou não, pela mídia. Para tanto, fundamentar-nos-emos do escopo teórico da Análise do Discurso e nas contribuições de Jean-Jacques Courtine para o estudo de uma Semiologia Histórica da imagem. Nosso *corpus* será composto uma série de quatro capas de revista da *Época*. Como resultado provável, podemos observar as identidades produzidas para a velhice, pensadas a partir da reincidência da cor azul como objeto simbólico, em que a produção identitária para os idosos pela mídia transforma em cenário de interpelação dos corpos dos idosos por um ideal de beleza e felicidade.

Palavras-chaves: Análise do Discurso, Identidade, Corpo Velho.

## The color and the discursive-cultural constitution of identities for the old age

Abstract: In this article, we aim to discuss the issue of color in what it has of intercrossing and sustaining in the images of the “old body”, interdicted or not, by the media. To do so, we will base ourselves on the theoretical scope of Discourse Analysis and Jean-Jacques Courtine’s contributions to the study of a Historical Semiology of the image. Our corpus will consist of a series

---

Emmanuele Monteiro. Secretaria Estadual de Educação da Paraíba (SEE/PB), Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI/UFPB).

of four covers of the *Época* magazine. As a likely result, we can observe the identities produced for old age, thought from the recurrence of the blue color as a symbolic object, in which the identity production for the elderly by the media transforms into a scenario of interpellation of the bodies of the elderly by an ideal of beauty and happiness.

Keywords: Discourse Analysis, Identity, Old Body.

## Introdução

“Vesti azul, minha sorte então mudou”.

(Wilson Simonal)

**T**odo artigo nasce de uma espécie de urgência para escrever sobre determinado tema. Seja pela relevância deste, seja pela inquietação que o objeto do artigo possa estar causando no autor<sup>1</sup>. No nosso caso, essa inquietação fez-nos voltar os nossos olhares para questão da produção de identidades para a velhice pela mídia, um tema amplo que resultou na nossa Tese de Doutorado, da qual esse texto é um excerto.

Empiricamente, é fácil notar como a população de idosos tem aumentado nos últimos dez anos e que, em razão disso, não só o governo tem proposto novas políticas públicas de gestão e manutenção da saúde, como também a mídia fez reverberar uma construção identitária para os sujeitos idosos baseada na produtividade e na capacidade de consumo.

É a partir do que propõem as políticas públicas que a mídia discursiviza o envelhecimento e sugere formas de controle dos efeitos nega-

---

1. Usamos esse termo aqui, sem atrelá-lo à função autor, proposta por Michel Foucault.

tivos do processo de envelhecimento, que influenciam nas construções de identidades pela própria mídia para essa faixa etária.

Tendo como cerne o viés discursivo, esta pesquisa traz à tona também a questão da leitura e exige um gesto de interpretação por parte do leitor, buscando nos detalhes os vestígios enunciativos que irão compor determinada construção identitária. Por isso, com a epígrafe desta seção “vesti azul, minha sorte então mudou” (SIMONAL, 1970), puxamos o fio condutor das nossas análises, pois chamou a nossa atenção o fato dos enunciados relativos à sexualidade, à felicidade e à fé tem, em sua forma material, privilegiado a cor azul, seja como cenário, seja na tipografia utilizada.

Percebemos a reincidência do azul ao montarmos nosso *corpus*, além disso, observamos que há nele a repetição de cores, fundamentando a produção discursiva-midiática sobre o “corpo velho”. Isso ocorre em função da existência de imagens cristalizadas na memória social e de formações discursivas que atravessam e autorizam certos posicionamentos e discursos dos personagens e instituições presentes nessas imagens.

Por isso, objetivamos, nesse artigo, discutir a questão da cor naquilo que ela tem de entrecruzamento e de sustentação nas imagens do “corpo velho”, interdito ou não, pela mídia. É a partir dos elementos de cores que fazem interseção nas propagandas e reportagens que produziremos nossas análises, tendo como fio condutor “as cadeias de associações possíveis na história em consonância com as produções cromático-discursivas” [MILANEZ, 2012. p.588] presentes nos textos da série enunciativa que analisaremos.

## I. A cor azul e a ordem do repetível

Todo enunciado pertence à “ordem do repetível” [FOUCAULT, 1972, p. 131], quando o foco é a sua materialidade, mas se torna singular mediante as condições históricas de produção.

É por isso que pensamos as cores focalizando as capas de revistas, pois essa repetição nos fornece dados suficientes, uma vez que uma das características do enunciado é o acúmulo, princípio que consiste em procurar os modos de existência dos enunciados na sua espessura histórica, e que, “entretanto, não deixam de modificar, de inquietar, de agitar e, às vezes, de arruinar” (FOUCAULT, 1972, p. 154).

Foucault (1972, p. 155) explicita que todo enunciado em sua positividade “comporta um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas”.

Esse princípio traz para nossa pesquisa a meta de investigar que enunciados do nosso *corpus* estão na ordem do repetível, e de que maneira o acúmulo de tais enunciados organiza e dissemina os efeitos de sentido.

Essa característica do enunciado, o acúmulo, nos dá fundamento para pensarmos por que essas cores se repetem em determinados enunciados, notadamente os enunciados que materializam os discursos sobre o “corpo velho” nas capas de Época.

Ao longo do tempo e, especialmente no século XIX, quando se começou a pensar em tecnologias para a captura instantâneas de imagens, a necessidade de se estudar as cores surgiu em vários campos do saber, tanto em seu aspecto técnico quanto em seu aspecto simbólico. Nos campos da Linguística e da História, por exemplo, apareceram

os estudos sobre a nomenclatura das cores de Abraham Werner e os estudos de simbologia de Frédéric de Portal.

Portal [1857] já dizia no seu estudo *Des couleurs symboliques* que a cor azul, na linguagem cotidiana, refere-se à cor da abóbada celeste e da lealdade, na linguagem divina, era símbolo da verdade eterna. Segundo esse autor, os guerreiros egípcios usavam anéis de escaravelho adornados com pedra azul, pois era um símbolo de masculinidade. Brasões [de família] cuja cor azul predominava pretendia divulgar que os valores morais dessa família estavam baseados na castidade e fidelidade e, por isso, a boa reputação.

Dentro dessa produção de sentidos das cores, surge também a relação da cor com o dogma da sabedoria eterna do homem e a contemplação do dogma imortalidade. Isso fez com que os pensadores da época de Frédéric Portal esquecessem o azul como materialização do símbolo de lealdade. Outro aspecto relacionado à produção de sentidos da cor azul é que ela, pelo viés profano, está relacionada à virilidade e à sexualidade. Não é à toa que o Viagra® é azul, assim como o manto da Virgem Maria também o é, marcando a multiplicidade da produção de sentidos no uso da cor azul através das épocas.

Mas, essa forma de exegese das cores, de certa maneira, como reverberação discursiva, tem a ver com o percurso histórico-filosófico das teorias dos signos, recorrente entre os séculos XII e XVI, que corresponde aos períodos medieval e renascentista. Nessa época, o mundo era das similitudes, como afirma Foucault [2000], e a relação “palavra/coisa” decorria do modelo de signo proposto pela tríade estoica<sup>2</sup> significativa

---

2. Estoicismo: Fil. Doutrina filosófica (fundada por Zenão no séc. III a.C.) que prega a rigidez moral e a serenidade diante das dificuldades. [http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=estoicismo#ixzz2l3QXAihp](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&pesquisa=1&palavra=estoicismo#ixzz2l3QXAihp).

– significado – “conjuntura”, designando como sistema semiótico a similaridade, que acabou por desempenhar uma função essencial no Renascimento, determinando o caminho para a representação.

De acordo com o autor supracitado [Foucault, 2000, p.24], existem quatro modos essenciais que formatam e constituem a similitude. O primeiro deles citado por Michel Foucault é *Convenientia*, que é uma semelhança relacionada ao espaço sob a forma da “aproximação gradativa”. Essa similitude faz referência aos elementos que se avizinham, que se aproximam e se ligam uns aos outros. Há uma relação, uma comunicação entre as matérias naturais, como a terra, o mar, as plantas, o homem. Um exemplo dessa afirmação pode ser dado pela relação de semelhança que há nas rugas que aparecem no rosto dos homens, após determinada idade, com espécies de ervas que aparecem na natureza.

O segundo modo de similitude é a *Aemulatio*, que funciona como um reflexo, um tipo de conveniência espacial cujos elos constituintes da corrente de significação foram danificados. O semelhante envolve o semelhante e por duplicação pode se desenvolver ao infinito, mas sem que haja a necessidade de contato. Foucault afirma que “[...] há na emulação algo do reflexo e do espelho: por ela, as coisas dispersas através do mundo se correspondem” [*idem, ibidem*. p.26-28].

A terceira similitude é chamada de *Analogia* e se sobrepõe à conveniência e a emulação. Pode aproximar todas as coisas do mundo, tendo o seu ponto de aproximação no homem.

O espaço das analogias é, no fundo, um espaço de irradiação. Por todos os lados, o homem é por ele envolvido; mas esse mesmo homem, inversamente, transmite as semelhanças que recebe do mundo. Ele é o grande fulcro das proporções – o centro onde as relações vêm se apoiar e donde são novamente refletidas [*idem, ibidem*. p.29-31].

O quarto tipo de similitude é definido em função dos “jogos das simpatias” em que nenhum encadeamento é predeterminado. Dessa maneira, a similitude por simpatia executa suas funções livremente, sendo extremante móvel em suas relações.

Todo o volume do mundo, todas as aproximações da *convenientia*, todos os ecos da “emulação”, todos os nexos da analogia são sustentados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas e de mantê-las à distância (*op. cit.*, 2000, p.32-35).

No século XVII, a semelhança deixa de ser a forma do saber; o pensamento clássico exclui a semelhança como experiência nodal. As palavras e as coisas que, no século XVI, remetiam-se umas às outras, não mais compunham o quadro das similitudes no século XVII: “[...] os signos da linguagem já não têm outro valor para além da tênue ficção daquilo que representam. A escrita e as coisas já não se assemelham” [Foucault, 2000, p.72].

A comparação, bem mais que a similitude, passou a contribuir para o objetivo maior de alcançar certezas:

A comparação pode, portanto, atingir uma certeza perfeita: nunca fechado, sempre aberto a novas eventualidades, o velho sistema de similitudes podia, efetivamente, por meio de confirmações sucessivas, tornar-se cada vez mais provável; nunca era certo (Foucault, 2000, p.72-73).

Foucault afirma que no século XIX, ocorreu uma nova transformação quando a visão classificatória do mundo, fundamentada na razão, dá lugar às regularidades históricas, à pesquisa da evolução e à historicidade das coisas. Foucault conclui que “a linguagem não está mais ligada ao conhecimento das coisas, mas à liberdade dos homens”. Mesmo porque com o passar dos séculos, as similitudes passaram a ser uma espécie de solo sobre o qual o conhecimento [discursivo científico] se ocupou de lançar suas redes, estabelecendo suas relações, sua métrica e suas identidades. Por exemplo:

Goethe construiu um grandioso conceito de cor, com as variações inseparáveis de luz e de sombra, as zonas de indiscernibilidade, os processos de intensificação que mostram até que ponto também em filosofia há experimentações, enquanto que Newton tinha construído a função de variáveis independentes ou a frequência. Se a filosofia precisa fundamentalmente da ciência que lhe é contemporânea, é porque a ciência cruza sem cessar a possibilidade de conceitos, e porque os conceitos comportam necessariamente alusões à ciência, que não são nem exemplos, nem aplicações, nem mesmo reflexões (DELEUZE; GATTARI, 1993, p.208).

O século XX é considerado o “século das imagens”. Primeiro, com o advento das imagens em movimento, através do cinematógrafo, de início, em preto em branco, décadas depois, colorido. Na década de 1950, surge a televisão levando a imagem em movimento para dentro das residências. A década de 1970 foi marcada pela explosão de cores tanto na mídia televisiva quanto na mídia impressa. Com o passar dos anos, a tecnologia evoluiu cada vez mais e a produção imagética deu

saltos de qualidade em relação às suas características técnicas, facilitando a exploração das cores.

O século XXI é considerado como “a era digital”, marcado pela volatilidade das imagens em todos os campos da mídia e pela necessidade de se usar a cor “certa” em determinados enunciados<sup>3</sup>, a fim de se retomar alguns discursos, presentes no campo da memória, e marcar os lugares de enunciação que definem o que se quer propor com o uso da materialidade sincrética escolhida. A cor passa a ser uma das marcas que constituem e definem a identidade visual de um produto e de uma instituição.

Desse modo, a interpretação das cores e seu uso nos suportes midiáticos são recursos amplamente utilizados na proposição de um “corpo velho”, de uma velhice feliz.

## 2. Análise do *corpus*

Tendo como foco a mídia impressa, Guimarães [2003] postula que a cultura é um traço constitutivo da expressão que se pretende dar às cores. A exterioridade que constitui a produção de sentidos a partir delas, especialmente em veículos jornalísticos, serve de aparato discursivo à produção de capas de revistas, uma vez que o uso das cores nesse tipo de gênero, ancorado em um suporte midiático, tem caráter simbólico.

Nas capas da revista *Época*, da série a seguir, observamos a predominância das cores azul, branca, vermelha e dourada. Apesar de terem sido produzidas em épocas diferentes, essas imagens têm como pano

---

3. Tomamos como base a noção foucaultiana de enunciado.

de fundo ou como predominância na vestimenta dos personagens a cor azul. Observe:



Figura 1. Época, 2003, 2004, 2006, 2009

As cores das capas de Época não foram escolhidas aleatoriamente e marcam os lugares de enunciação dos sujeitos e das instituições nos discursos presentes neste gênero capa de revista.

A intericonicidade, que permeia as capas das revistas Época, recupera os dizeres que permanecem no nível da memória coletiva e da memória individual sobre a significação das cores. A irrupção dos efeitos de sentido ocasionada pelo uso de determinada cor como “base de sustentação” de uma identidade visual nos remete ao processo de emulação da época das similitudes do qual falava Michel Foucault. Assim, o azul do mar reflete o azul do céu, cujas características propõem um jeito “azul” de se relacionar as “palavras e as coisas”, as pessoas e o mundo.

Essa lembrança ativada pelo uso da cor azul ressalta a questão do desejo. Ao “corpo velho” propõe-se estar diante do azul, como meta de aposentadoria, tê-lo como “pano de fundo” para as conquistas corporais de base biopolítica e usar essa cor como segunda pele. A mídia produz discursos para a velhice que atuam no corpo, produzindo sa-

beres que trazem a cor como indício das relações de poderes que se exercem sobre o “corpo velho” através da atuação de biopoderes.

De acordo com Michel Foucault [1972, p.73], dentro do campo enunciativo, existe um campo chamado “domínio de memória”, composto pelos enunciados que apesar de não serem mais discutidos, nem admitidos e conseqüentemente, não têm força de verdade nem de validade, mas permanecem e se estabelecem a partir de laços de filiações, de gênese, de relações de transformação, de continuidade e de descontinuidade no processo histórico.



Figura 2. Revista Época, 13/01/2003



Figura 3. Revista Época, 12/04/2004

Há um feixe de relações e pontos de contatos entre essas duas capas das figuras 2 e 3. Esses pontos de contatos dizem respeito às roupas que os personagens das capas vestem, funcionando como “forma de

enunciação da pele”, [...] extrapolando o limite da anatomia biológica para, então, inserir as regras que determinam as maneiras como o sujeito idoso acontece, a partir do discurso da mídia, tanto nos níveis da pulsão e do desejo, quanto nos níveis cultural e sócio histórico. Os azuis das roupas formam um *composé* de tons sobre tons que estabelecem uma regularidade, “uma ordem discursiva para o figurino, na qual não devemos/podemos usar qualquer roupa em qualquer lugar” [cf. MILANEZ, 2012, p.585].

Considerando a roupa uma segunda pele “Clothing, our second skin” [SPOONER, 2004, p.10 *apud* MILANEZ, 2012, p.585] e sendo esta constitutiva da construção do eu, podemos imaginá-la “[...] como uma luva, fazendo do conteúdo um continente, do espaço interno uma chave para estruturar o externo, do sentir internamente uma realidade que se pode conhecer” [ANZIEU, 1989, p. 60].

Retomando a epígrafe do início do texto, quando recuperamos no domínio da memória, enunciados como “*vesti azul, minha sorte então mudou*” da música de Wilson Simonal, observamos uma regularidade dos dizeres sobre azul e esta regularidade aponta para a formação discursiva do consumo de um ideal de felicidade e bem estar.

Nesse caso, o “Eu corporal”, plenamente dissociado do sujeito psíquico/mental interno, de forma secundária, tem marcada a sua identidade na pele e nas roupas através do discursivo-cromático da cor azul que atinge o “ser si” no limiar do corpo e do desejo, sendo a felicidade, como objeto do olhar, sintetizada, por um processo de sinestesia.

Assim, ao expor uma família com uma idosa no centro, em lugar de destaque, e todos os três sujeitos vestindo azul, o *design* da capa da revista pode estar marcando esse outro lugar que essa idosa está ocupando na sociedade. Segundo o discurso da mídia, ela está no mesmo

patamar da filha e da neta, portanto, apesar da passagem dos anos, ela continua jovem e bonita.

Na capa que traz o casal pronto para viajar, os tons de azul e de cinza remetem à tranquilidade e à sensualidade. A virilidade retomada pela cor azul marca e recobre a superfície do corpo “gerontolescente”. Não se trata mais de apenas desejar, mas de ter o desejo concretizado. A cor envolve os sujeitos ficcionais propostos pela revista, fundamentando o discurso da felicidade.

Os enunciados que compõem essas edições, tanto as que falamos sobre a roupa usada na produção das imagens dos “corpos velhos”, quanto as que serão retomadas, têm como uma das características, no que tange a como chegar à velhice e continuar jovem, a fundamentação nos discursos médico, pedagógico e econômico.

Nesse caso, a cor azul também simboliza o ideal e o sonho. Essa identidade que está relacionada à construção cromático-discursiva da cor azul está ligada ao campo da memória a que os discursos e os enunciados sobre as cores se filiam. Michel Foucault [1972, p.154-155] diz sobre o pertencimento do enunciado a um campo de memória:

Dizer que os enunciados são remanescentes não é dizer que pertencem no campo da memória ou que se pode reencontrar o que queriam dizer; mas quer dizer que se conservam graças a um certo número de suportes e técnicas materiais [...], segundo certos tipos de instituições [...], e com certas modalidades estatutárias [...]. [...] todo enunciado comporta um campo de elementos antecedentes em relação aos quais se situa, mas que tem o poder de reorganizar e de redistribuir segundo relações novas. Ele se constitui seu passado, define, no que o precede, sua própria filiação,

redesenha o que o torna possível ou necessário, exclui o que não pode ser compatível com ele.

Como as cores se colocaram no centro de nossas atenções nessa seção, devemos observar também esse contraste entre o azul do céu e o amarelo /dourado dos letreiros. A cor amarela possui vários simbolismos. Se observarmos seus possíveis significados na língua latina, ela equivale à *amarus*, amargo, acre, difícil, com derivação para o hispânico *amarellu*, pálido. Por isso, há no campo da memória coletiva, a identificação da cor amarela/dourada tanto com as questões da riqueza, do poder, da prosperidade quanto a questão da covardia. Como, por exemplo, no esporte, a meta do atleta é o primeiro lugar representado pela medalha de ouro, e nos dizeres populares, quando alguém desiste de algo por medo, diz-se que essa pessoa “amarelou”.

Nas imagens a seguir, na capa de cada revista são destacados os aspectos positivos da atuação dos biopoderes sobre o corpo e da promoção de atitudes previdentes de manutenção da saúde, inclusive a saúde financeira, assim, nas capas abaixo a cor amarela nos letreiros pode está relacionando a velhice à prosperidade e ao discurso da felicidade.

Desse modo, nas redes da memória, as cores azul e amarela formam um “batimento cromático”, pois no campo da interpretação, acionam dizeres que remetem às coisas positivas.



Figura 4. Revista Época, 13/03/2006



Figura 5. Revista Época, 09/01/2009

O tom azul das capas das revistas ocorre, provavelmente, em função de uma imagem cristalizada na memória social de que a cor azul representa sensações boas ou estado de espírito como a tranquilidade ou, ainda, remete à liberdade que o céu representa. Nessa capa da direita, a imagem do idoso e/ou da idosa não aparece, ela é substituída pelo mar e por “idosos-jovens”. Essa posição sujeito só é possível nessa capa, devido a ser parte constituinte de uma das construções identitárias para a velhice aceita pela mídia, assim, para a revista, envelhecer é um processo em que a satisfação e o prazer estão no auge. Essa é a ideia aceita e propagada.

Na capa da esquerda, aparece o mesmo céu azul remetendo a um estado de tranquilidade. A imagem da idosa não foi interdita justamente porque ela está sofrendo a ação de biopoderes e de técnicas disciplinares, como a prática de esportes.

## Conclusão

Assim como a irrupção de um artigo nasce uma inquietação, uma urgência em discorrer sobre um tema, o seu término também parte de uma escolha imperativa do momento de acabar, dada a natureza composicional do gênero artigo de divulgação científica. Embora essa conclusão seja apenas um efeito, pois ainda há muito a dizermos sobre nosso objeto.

Assim, estudamos a produção “cromático-discursiva”, especialmente a da cor azul, para definirmos de que forma as cores influenciam na produção identitária midiática para a velhice.

A maneira como estabelecemos as fronteiras do nosso *corpus* definiu nosso modo de análise. Porém, o nosso objeto de estudo, o “corpo velho”, permanece produtivo para outros olhares e perspectivas, outros efeitos de sentidos de dizeres ainda não materializados.

Todo enunciado é passível de tornar-se outro [cf. PÊCHEUX, 1997b, p. 53], assim como todo discurso está aberto a atravessamentos. Por isso, na medida em que remontamos nossos dizeres sobre o “corpo velho”, retomamos outros discursos e possibilitamos a construção de outros sentidos, estabelecendo, a partir de reconstruções e desconstruções, um espaço discursivo-midiático para o nosso objeto. No entanto, é hora de tirarmos o “corpo velho” de cena, finalizando nosso discurso.

## Referências

ANZIER, Didier. *O eu-pele*. Tradutoras: Zakie Yazigi Rizkallah, Rosali Mah-suz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In.: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, Envelhecimento e Felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CORACINI, Maria José. Discurso e escritura: entre a necessidade e a (im) possibilidade de ensinar. In: ECKERT- HOHH, Beatriz Maria; CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço-tela*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão: (identidade, mídia, pobreza, situação de rua, mudança social, formação de professores)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELLO, G. (orgs.). *História do corpo: 3. As mutações do olhar. O século XX - 3*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 4. Tradução de Sueli Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 3ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1972.

\_\_\_\_\_. *História da loucura na idade clássica*. Tradução: José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 5ed., São Paulo: Edições Loyola. 1999a.

- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade (vol. 1): a vontade de saber*. 13ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, segunda reimpressão 2000. (Coleção Tópicos)
- \_\_\_\_\_. *Segurité, territoire, population*. Paris: Seuil/Gallimard, 2004a. *Apud* DUARTE, André. Foucault e a governamentalidade: genealogia do liberalismo e do Estado Moderno. In.: BRANCO, G. C.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). *Foucault: filosofia e política*. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.53-70.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas, SP: Pontes. 2004.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *Identidade: objeto ainda não identificado?* Estudos da Língua(gem), Vol. 6, N. 1. 2008.
- \_\_\_\_\_. Discurso, História e a produção de identidades na mídia. In: FONSECA-SILVA, M. da C. e POSSENTI, S. (org.). *Mídia e rede de memórias*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007a, p. 39-60.
- \_\_\_\_\_. *Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. Dossiê. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 4, n. 11, nov. 2007b, p. 11-25.
- \_\_\_\_\_. AD: descrever – interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org.). *Estudo do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Clara Luz, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.
- \_\_\_\_\_. (org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. 2ed. São Carlos, SP: Clara Luz, 2003a.

- \_\_\_\_\_ (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003b.
- GUIMARÃES, Luciano. *As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo*. São Paulo: Annalube, 2003.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni P. (Org.) *Gestos de Leitura*. 3ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 2010, p. 161-183.
- HALL, S. *Identidade e pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente*. Tradução Jacy Alves de Seixas e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Marai Luiza Appy, Dora Mariana. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MILANEZ Nilton. *As aventuras do corpo: dos modos de subjetivação às memórias de si em revista impressa*. (Tese de Doutorado) Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2006.
- \_\_\_\_\_. A escrita do corpo fios e linhas do jogo escriturístico na Revista. In: FONSECA-SILVA. M. C.; POSSENTI. S. (Org.) *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007, p. 77-91.
- \_\_\_\_\_. *Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso*. Maringá, PR. v. 31, n. 2, p. 215-222, 2009
- \_\_\_\_\_. Materialidades da paixão: sentidos para uma semiologia do corpo. In.: SARGENTINI, Vanice; CURCINO, Luzmara; PIOVEZANI (orgs.). *Discurso, Semiologia e História*. São Paulo: Claraluz, 2011.

\_\_\_\_\_. *A “Casa de Usher” de Roger Cor’man, o campo de memória e o cromático-discursivo – no discurso fílmico*. R.Let. & Let. Uberlândia, MG. V.28. n.2. p.579 -590. Jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_; Santos, Jamille da Silva (orgs.). *Modalidades da transgressão: discursos na literatura e no cinema*. Vitória da Conquista, BA: LABEDISCO, 2013.